

LITERATURA EM REVISTA: O CASO *MANCHETE*¹

Raquel Beatriz Junqueira GUIMARÃES
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
raquel.beatriz@oi.com.br

Resumo: Propõe-se, neste artigo, apresentar uma discussão sobre o modo como a Literatura circulou, durante o século XX, em revistas não literárias, caso de *Manchete*. Para realizar o estudo proposto, pretende-se apresentar como escritores brasileiros apareceram nas edições de revista *Manchete*, nos anos 1950, com o intuito de averiguar uma forma específica de noticiar a vida literária brasileira. Pretende-se mostrar que o estudo do conteúdo da revista, na década de sua fundação, para além de descortinar um expressivo documento jornalístico revela muito do que é a história da escrita da literatura brasileira, e a própria história da literatura, principalmente a que envolve os escritores do século XX. Para tanto serão discutidas as diferentes contribuições dos escritores seja na forma de textos literários, particularmente crônicas, seja através de entrevistas e reportagens. Assim, pretende-se apresentar os ofícios do escritor e a natureza do material literário que circula em revistas jornalísticas.

Palavras-chave: literatura; história; jornalismo; memória; Fernando Sabino

1 O jornalismo literário em *Manchete*

Nosso interesse no estudo da literatura em fonte jornalística, especificamente, na revista *Manchete*, iniciou-se pela constatação, em exemplares de acervo pessoal, de que nas páginas da revista há um número expressivo de colabores vinculados à atividade literária. Diante dessa evidência, estamos desenvolvendo uma pesquisa, financiada pela PUC Minas, intitulada “Escritores em Cena: mineiros em *Manchete*” com a intenção de verificar a colaboração dos mineiros na revista.²

Essa pesquisa, ainda em andamento, já nos mostrou que, na primeira década da revista, é possível perceber, nas páginas do semanário, uma grande diversidade de matérias destinadas a escritores brasileiros e estrangeiros e à vida literária no Brasil. Depoimentos, crônicas, entrevistas e reportagens preenchem as páginas de *Manchete* num evidente trabalho de literatura e sobre literatura.

Por esse motivo, um dos nossos principais objetivos na pesquisa é analisar as fronteiras entre a literatura e o jornalismo a partir das contribuições de escritores em *Manchete*, revista jornalística, de circulação nacional, criada e concebida para concorrer com o principal veículo jornalístico semanal da época, a revista *Cruzeiro*. *Manchete*, na década de 1950, tornou-se um importante veículo de divulgação das idéias modernas, do desenvolvimentismo, principalmente no período de Juscelino Kubitschek e durante a construção de Brasília. Em *Manchete*, inúmeros escritores já consagrados naquele momento fizeram reportagens e entrevistas, publicaram crônicas, foram tradutores de contos. Outros foram entrevistados,

¹ Pesquisa financiada pelo Fundo de Investimento a Pesquisa da PUC Minas (FIP – PUC Minas)

² Faz parte desta mesma pesquisa o que foi apresentado no artigo “A memória da leitura e a escrita da história”, de nossa autoria, publicado nos anais do XIII Encontro da ABRALIC, no qual apresentamos, a partir de um depoimento de Fernando Sabino, parte de nossas reflexões sobre a o modo como os escritores referem-se à memória da leitura.

fotografados, escreveram depoimentos, enfim, participaram da revista em diferentes ofícios, de diferentes modos e, alguns, por muitos anos.³

Revistas como *Manchete* e outras semelhantes possibilitam verificar dois movimentos próprios da atividade dos escritores e jornalistas durante o século XX. Por um lado, a presença dos escritores já reconhecidos atribui *status* e valor ao semanário. As revistas contribuem para que uma realização estética (crônicas, contos e poemas) circule por meio da reprodução de seus exemplares, favorece uma espécie de popularização do artista e registra os grupos que se formavam por afinidade ou cumplicidade em um determinado período histórico e cultural e os modos de contato entre eles. Esse fato, por sua vez, confere valor aos escritores que ali escreveram e os insere no mercado de livros.

Os teóricos e críticos da literatura são unânimes em afirmar a importância do estudo sobre o modo como a literatura circula em periódicos dos mais diversos tipos. De acordo com Maria Zilda Ferreira Cury, em seu artigo sobre a revista *Complemento*

o estudo de periódicos tem se revelado produtivo, quer para a teoria da literatura, quer para as revisões tão frequentemente propostas pela historiografia literária, quer ainda, para o delineamento da atuação cultural de escritores e intelectuais. (CURY, 2005, p. 187.)

Ainda segundo Cury, os periódicos especializados “constituem material privilegiado de análise na caracterização da produção cultural de determinada época, ainda que guardem algo do imediatismo do cotidiano”. (CURY, 2005, p. 188.)

Há um grande número de estudos sobre periódicos e muitos deles dedicam-se a jornais, ou a revistas especializadas. Ainda que possam ser elencadas inúmeras pesquisas que tomaram como base o material presente em jornais e revistas, entendemos que ainda há muito o que se pesquisar no campo dos estudos do jornalismo literário, ou da publicação de textos literários em revistas semanais, principalmente naquelas não especializadas em literatura. Nossa investigação em *Manchete*, para além da constatação documental da participação literária dos mineiros na década inicial da revista, também nos mostrou a importância de revelar práticas de escrita pouco mencionadas.

Embora no trabalho já realizado estejamos encontrando vários textos literários dignos de resgate, pretende-se, na pesquisa, por meio da busca de recuperação de fontes primárias, o que diz Vaz:

Não[nos] restringir apenas ao resgate de textos literários, esquecidos ou perdidos em jornais e outros periódicos de difícil acesso, mas, principalmente,[nos] voltar para o estudo do sistema literário da região e/ou época estudada, já que ainda temos uma visão muito restrita de vários pontos da literatura em que há raros dados disponíveis, sendo usual a sua repetição, sem uma constante busca pela fonte primária. Assim, no retorno à fonte original, algumas idéias amplamente aceitas e divulgadas são analisadas de outra forma, favorecendo um rearranjo do cânone. (VAZ, 2005, p.9)

O que se pretende com a pesquisa em andamento é, para além do resgate dos textos, revelar os ofícios do escritor, conhecer a memória de leitura dos escritores brasileiros que marcam

³ No artigo “A memória da leitura e a escrita da história” retomamos depoimentos dos diretores da *Manchete* que comprovam a intenção de contar com uma grande colaboração literária na revista. O artigo está disponível pelo endereço http://anais.abralic.org.br/trabalhos/d4b269f5c5810b15141673b185b2aa48_404_177_.pdf

gerações ou épocas. Pelo o que vimos publicado em *Manchete* pudemos confirmar que escritores como Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes tanto são cronistas, como também colunistas, articulistas, repórteres. Enfim, há toda uma prática jornalística executada pelos escritores importantes do século XX registradas nas páginas da revista.

Nos materiais que conseguimos compilar, percebemos que os escritores, mais e menos renomados, cujas obras circulam em regiões determinadas, ou mesmo aqueles cujas obras têm uma circulação nacional, evidenciam, em suas matérias, de algum modo, mesmo que de forma indireta, como se deu a formação de seu repertório pessoal de leitura, como ocorrem os contatos com o mundo intelectual de sua cidade ou região, e como compreendem determinadas questões específicas da vida literária brasileira. Refletem sobre os escritores mais lidos, a circulação de livros, os problemas editoriais vividos pelos novos escritores, dentre outros tantos elementos que merecem, a nosso ver, um estudo detalhado. Pode-se notar, também, que as páginas da revista reservam espaço significativo para discussões teórico-críticas muito presentes na literatura daquele início da segunda metade do século XX.

Com o levantamento realizado confirmou-se a hipótese de que *Manchete* torna-se arquivo da memória de leitura de nossos escritores e da escrita da literatura brasileira. E mais, torna-se depositária da memória de discussões importantes sobre o modernismo e suas repercussões anos depois da semana de 1922. Os elementos presentes nas diversas matérias literárias e sobre literatura em *Manchete* certamente contribuem para que alguns escritores sejam revisitados a partir de questões discutidas naquele tempo.

2 O garimpo e os achados

No início da pesquisa, foi feita uma investigação exploratória no acervo de periódicos da Biblioteca da PUC Minas, onde se encontra acervo significativo de *Manchete*. A partir dela, foi possível criar um banco de dados com o levantamento de quais escritores brasileiros, em especial os mineiros, aparecem em destaque na revista no decorrer da década de 1950.

Nessa fase dos trabalhos, a que estamos chamando de garimpo, percebemos que o material disponível na revista traz também, para além de questões da vida literária e de discussões teórico-críticas do universo estético, as experiências de escrita em determinados gêneros literários, em particular a crônica. Acredita-se que o estudo das crônicas em *Manchete* poderá nos oferecer elementos elucidativos do que esse gênero se tornou no decorrer do século XX.

Pode-se notar que Fernando Sabino, Rubem Braga, Paulo Mendes Campo, Sérgio Porto e Henrique Pongetti formaram uma geração de cronistas de *Manchete* e são escritores que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da crônica como gênero no Brasil.

Em seu “A vida ao rés do chão”, Antonio Candido afirma que a crônica encontrou, no Brasil, solo muito fértil e, que aqui se desenvolveu com originalidade, principalmente a partir da era do jornal cotidiano, com tiragem grande e com temas acessíveis. (CANDIDO, 1980, p.6). Com certeza, essa fertilidade está marcada pela presença da crônica em diversos jornais e revistas, entre elas a *Manchete*.

Em *Manchete* encontramos uma diversidade de matérias dedicadas à literatura. Mostraremos três tipos delas: a reportagem de Carlos Alberto Tenório intitulada “Onde estão os poetas

brasileiros?"; a entrevista de José Guilherme Mendes, por ocasião do aniversário de 60 anos de Graciliano Ramos, e a coluna, ou seção, de Fernando Sabino, intitulada "Sala de espera". Com esses exemplos pretende-se demonstrar a relevância dessa revista para os estudos literários. Vamos, pois, aos achados.

2.1 "Onde estão os poetas brasileiros"

Uma das reportagens que nos fornece conteúdo significativo sobre as questões literárias desse início da segunda metade do século XX é a intitulada "Onde estão os poetas brasileiros", escrita pelo jornalista Carlos Alberto Tenório, com fotos de Antonio Rocha. A reportagem parece ser motivada pela percepção de que o grande público não aderiu à arte literária moderna. Para discutir o assunto referente à poesia modernista foram escolhidos os seguintes poetas: Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade e Augusto Frederico Schmidt. Os 5 poetas apresentam suas opiniões sobre o que é a poesia moderna e qual a relação do público com ela. A discussão, em nada simples, é apresentada pelo jornalista de um modo acessível e profundo. No box que inicia a matéria, o repórter define o destinatário do texto:

A presente reportagem é menos para os homens de letras – poetas, críticos e professores da Arte Poética – que para o público que lê e gosta de poesia. Pode sugerir uma distinção pretenciosa traçar-se o caminho de uma reportagem de revista, pensando em um público determinado e certo. Não é bem isso. Porque os primeiros, ao descobrirem, no corpo da publicação, a fotografia do perfil de Capeto do poeta Bandeira ou a figura rubicunda do Sr. Frederico Schmidt, o ar mítico do Sr. Jorge de Lima, o aspecto seminarista de Carlos Drummond ou a fisionomia simpática do poeta Vinícius, decerto quererão revê-los. Há coisas velhas, coisas publicadas, coisas conhecidas e lidas. Isto não preocupa porque não há pretensão de inédito, nem piadas, nem jogo de palavras, ou entrevistas cujas respostas irônicas e bem articuladas produzam um bom efeito. *O que se deseja é contar ao público alguma coisa sobre a vida dos poetas e que seja explicado em reportagem o fenômeno poético modernista.* (TENÓRIO, 1952, p.11. grifo nosso)

Com esse interesse e disposto a dar ao grande público a possibilidade de compreender a poesia moderna, o jornalista dá voz aos poetas, de modo que o leitor passa a perceber aspectos importantes das polêmicas estéticas, teóricas e críticas de que eles fizeram parte.

Assim, na informação biográfica sobre Manuel Bandeira, por exemplo, o leitor encontrará notícias como a cronologia de sua obra, as influências literárias que o escritor diz que recebeu, os compositores que musicaram seus poemas. Em meio a essas informações, o leitor se depara com a afirmação expressa pelo jornalista: "[Bandeira] não gosta de Bilac porque ele é fácil demais e acredita que daí advenha toda a popularidade do poeta". (TENÓRIO, 1952, p.11.) Essa afirmação, na voz do jornalista, ilustra uma das polêmicas tradicionais no campo da literatura: o que é fácil não tem qualidade estética, mas é popular. E mais, repete algo que depois percebeu-se uma espécie de senso comum entre os poetas modernistas: não se aprecia Bilac.

No mesmo texto, entretanto, o jornalista apresenta, desta vez pela voz do poeta, outros assuntos como, por exemplo, a natureza do fazer poético:

Mais adiante ele [Bandeira] falará de sua libertação da tirania métrica, ou seja, de como se libertou da imposição da contagem de sílabas no verso: ‘um certo número fixo de sílabas com suas pausas cria um certo movimento rítmico, mas não é forçoso ficar no mesmo metro para manter o ritmo. Quando descobri isso, fiquei na verdade liberto da tirania métrica. Em literatura a poesia está nas palavras, se faz com palavras e não com idéias e sentimentos, muito embora, bem entendido, seja pela força do sentimento ou pela tensão do espírito que acodem ao poeta as combinações de palavras onde há carga de poesia.

Nunca abandonei o verso com metro e rima, porque acredito que a própria poesia procura e insinua a forma como ela deve vir’. (TENÓRIO, 1952, p.12.)

O leitor da revista tanto se depara com informações quase que de caráter ilustrativo sobre a vida do autor como com algumas reflexões e informações dos poetas sobre o modo de composição de poemas. Assim, o jornalista oferece ao leitor mais do que algo sobre a vida do poeta, mas também o que de mais importante um poeta tem a oferecer, suas concepções sobre a criação literária. Outros temas apresentados pela voz dos outros entrevistados⁴ explicitam o debate sobre o que leva os leitores da época a estranharem a poesia moderna:

O que o grande público estranhou na poesia moderna foi, talvez, em maior escala, a liberdade na escolha dos gêneros poéticos e a liberdade absoluta quanto à escolha dos versos, das espécies de estrofes e versos, brancos ou rimados, no tratamento desses gêneros.

Todos, até então, e possivelmente até hoje, estavam habituados com o soneto parnasiano – dois quartetos e dois tercetos – de Raimundo Correia, de Alberto de Oliveira, de Bilac e Vicente de Carvalho e receberam desconcertados a elegia, a ode, o romance e o rimancete, o rondó, o madrigal, a canção e a cantata, os soláos e descantes, a baladilha arcaica e o soneto, sobretudo o soneto sem metro e sem rima. (...) Esta sacudidela no lirismo bem arrumado em 14 versos (...) Foi talvez essa sacudidela que chocou o grande público. (TENÓRIO, 1952, p.12. grifo nosso)

Essa opinião, provavelmente proferida por Carlos Drummond, sintetiza as formas poéticas utilizadas pelos modernistas e tenta explicar o motivo pelo qual o grande público estranhava a poesia moderna. As opções por uma diversidade métrica e de formas literárias menos convencionais são apontadas como possíveis motivos do estranhamento experimentado pelo público. Essas novas características da poesia moderna justificariam a dificuldade de recepção por uma quebra do horizonte de expectativa dos leitores da época acostumados que eram com determinadas formas poéticas como o soneto.

Outro depoimento, esse provavelmente de Jorge de Lima, destaca outros aspectos da poesia moderna. Nesse caso, o escritor anuncia a diferença entre o modernismo de 22 e aquele dos anos 1950:

Pode-se ainda afirmar que o que mais caracteriza o modernismo é a sua linguagem, a sua semântica, a sua semiótica; ou seja as mudanças que sofre a significação das palavras, no espaço e no tempo. O moderno de hoje não pode ser mais o contemporâneo da semana da arte de São Paulo. Os tempos

⁴ Deve-se dizer que, pelo modo como a matéria está diagramada tornou-se difícil reconhecer, com certeza, a autoria das falas citadas entre aspas pelo jornalista Carlos Alberto Tenório.

se tornaram extremamente velozes e mutáveis. O clima de cada minuto vem influenciando tão profundamente em sua carne e em seu espírito que sua palavra adquiriu ressonâncias e valores esquecidos.

Fala-se de um hermetismo da poesia moderna que ninguém alcança. É necessário que se explique isso. A poesia é veloz e o homem é lerdo e pesado. (...) Lembre-se de que ainda ontem os poetas foram chamados de condoreiros e nefelibatas, isto é, camaradas distanciados da vida, companheiros dos condores e das nuvens. (...) *Românticos, simbolistas, parnasianos já mereceram a pecha de herméticos. Nada há de hermético, tudo depende dos sentidos, da intuição e da inteligência.* (TENÓRIO, 1952, p.12. Grifo nosso)

Em seus depoimentos, os escritores procuram explicar ao público o que os faz ser considerados herméticos. Formulam hipóteses e apresentam justificativas sobre o motivo pelo qual o grande público estranhou a poesia moderna. São, portanto, formas de teorizar a recepção da produção literária moderna numa tentativa de “explicar o fenômeno poético modernista”, intenção explícita da matéria.

2.2 Graciliano Ramos: escritor da revolução

A entrevista concedida por Graciliano Ramos, em 1952, ao jornalista José Guilherme Mendes, veiculada no exemplar de 15 de novembro, ocasião dos 60 anos do escritor alagoano, apresenta natureza semelhante ao que foi verificado na reportagem de Tenório com os escritores modernistas. A reportagem apresenta imagens fotográficas contraditórias: a primeira foto da matéria mostra o escritor muito doente, de pijama, com uma aparência combalida, evidentemente em decadência física. As outras fotos mostram os presentes na homenagem feita ao escritor, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. O discurso de José Lins do Rego exalta a vitalidade da obra de Graciliano. A mesma vitalidade que se verifica nas idéias propostas pelo escritor.

Nas fotos da matéria Graciliano aparece “magro, vestido de pijama, com um robe azul”. Sentado em uma poltrona “em meio a dois travesseiros que sua companheira de tantos anos arrumava com indisfarçável ternura”, o escritor conversa sobre o romance, os romancistas daquele tempo, suas preferências literárias, sua viagem recente à Rússia e, indagado sobre “a saída para os escritores brasileiros”, o “Velho Graça” afirma: Só existe uma: a revolução. Os escritores de hoje e de amanhã têm que ser os escritores da revolução”. (MENDES, 1952, p.15)

O escritor não falava somente de revolução política, mas principalmente de revolução estética. Durante a entrevista anunciara a crise do romance brasileiro e da própria literatura brasileira. A seguir o diálogo sobre o tema mantido com José Guilherme Mendes:

Naquele mesmo dia, por coincidência, uma senhora fazia uma conferência sobre “a crise do romance brasileiro”. Falamos nisso e disse Graciliano:

- Crise eu não sei se há. Os que escreviam há vinte anos escrevem ainda hoje. Estão vivos, produzindo. Não afirmaria que há crise.

- Mas, em sua opinião, temos algum grande romancista na chamada geração atual?

- Não sei se os que apareceram há vinte anos eram grandes – respondeu com risada curta.

Mais adiante, Graciliano desenvolveria o seu ponto de vista, ao dizer:

- A literatura no Brasil como em todo o mundo, está relacionada ao grande adiantamento do país. E, como nós todos sabemos, o Brasil não é um país independente. A literatura acha-se sempre a serviço duma classe. E, uma vez que em nosso país a classe dominante – que é a burguesia – está em decadência, também a literatura está decadente. Aliás, dizer que está decadente talvez não seja certo: ela nunca existiu. É verdade que estamos numa fase pior e é por isso que os escritores brasileiros procuram fazer a chamada ‘literatura de fuga’. (MENDES, 1952, p.15)

Para além de uma contestação ideológica, Graciliano faz uma reflexão sobre a formação da literatura brasileira: a relação país dependente, literatura dependente. Esse tema já fora discutido por Machado de Assis, e mais tarde o será também por críticos como Antonio Candido, Silviano Santiago, e tantos outros que debatem as relações entre a elaboração estética de uma literatura e a situação política de uma nação.

Esta seria, portanto, a revolução proposta pelo escritor alagoano: o fim do que chama de literatura de fuga. Em sua revolução não existiria lugar para nada que não fosse o realismo “Sou realista. Faço exatamente o contrário dessa nova moda. O chamado abstracionismo”. Também não poderia se preocupar com o hermetismo dos modernistas: “Nunca me preocupei com o modernismo. Nem o de 22, nem com este de agora.” (RAMOS, 1952, p. 15)

Pelo caráter do depoimento do escritor, observa-se que também nesta matéria, revestida de fotos de um evento aparentemente social, são apresentados debates próprios do ideário crítico comum naquele momento.

Como se pode verificar por meio dos excertos aqui destacados, as páginas da revista *Manchete* foram espaço para discussões sobre a natureza da poesia moderna, os modos de criação do escritor, as relações dos escritores com o modernismo, oferecendo ao leitor da um panorama das discussões literárias daquela década. A revista se coloca, por seu perfil editorial, numa espécie de fronteira entre a informação e a reflexão sobre temas de natureza literária.

Mais do que se tornar este campo fértil para o debate de idéias literárias, *Manchete* foi um veículo que contribuiu com o desenvolvimento de gêneros literários, especificamente a crônica. Com expressivo time de cronistas, a revista deu espaço para que escritores como Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Sérgio Porto, Henrique Pongetti desfilassem, ali, suas crônicas semanalmente.

De acordo com Antonio Candido a crônica

para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura (...) Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. (CANDIDO, 1980, p.5)

Assim, a revista ao oferecer várias crônicas em uma única edição torna-se este “caminho” para a literatura. O leitor da revista se via diante de diversos estilos de crônicas e de cronistas preocupados em aliar a “sensibilidade de todo dia” com a elaboração estética. Exemplo disso, é a coluna “Sala de espera”, de Fernando Sabino.

2.3 Sala de Espera: crochê do nada

Fernando Sabino foi colaborador de *Manchete* por 15 anos e se tornou um dos principais cronistas do semanário. Inicialmente escrevia a coluna intitulada “Damas e cavalheiros”, depois “Sala de espera”, e posteriormente a seção “Aventura do Cotidiano”.

“Sala de espera” é repleta de anedotas, piadas, casos, textos destinados à leitura ligeira: são curtos, apresentam uma linguagem acessível, pautam-se por assuntos do cotidiano que ora são apresentados como algo banal, ora como algo inusitado, extraordinário ou mesmo fantástico. “Sala de espera” reúne textos de naturezas diferentes: são desenhos, tirinhas, histórias em quadrinho. Traçados diversos, portanto.

São textos próprios para leituras realizadas nas salas de espera de consultórios e escritórios, como indica o próprio nome da seção. Podem ser interrompidos a qualquer momento sem prejuízo da fruição e da compreensão. Mas muitos deles são muito mais do que isso e carregam consigo aspectos reflexivos e conceituais dignos de análise mais aprofundada. É o que se supõe da anedota a seguir:

Menina de sete anos chegou em casa dizendo que aprendera uns versos no colégio. E recitou:
 ‘Minha terra tem palmeiras
 Onde canta o sabiá’
 Mas sua irmãzinha, de quatro anos interrompeu-a dizendo que aquilo ela também sabia e terminou:
 ‘As aves que aqui gorgorejam
 Não gorgorejam como lá’. (SABINO, 1952, s/n)⁵

A saborosa anedota oferece ao leitor um momento de humor e de resgate da memória de leitura na infância por meio da evocação de “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias. Os versos famosos aparecem citados nas páginas de revista como texto conhecido por todos, canonizado pela escola e transformado fora dela. A criança de quatro anos, a seu modo, corrompe o verso ao metamorfosear o canto do sabiá, que mais não gorjeia, mas que gorgoreja. A pequena anedota leva ao riso e à reflexão, pois o arremate à estrofe gonçalvina emitido pela voz da menina de 4 anos, mais parece uma construção parodística dos versos do poeta romântico. Assim, o gorjeio da ave-símbolo da nação se transforma em um som gutural e que, pela construção sonora da palavra que o define, parece querer misturar gargarejar com cacarejar. O colunista pratica o ato de corrosão da tradição romântica disfarçado da ingenuidade emitida pela voz de uma criança.

Este é o caso, também, das histórias mais desenvolvidas que aparecem na seção. Algumas delas são longas, mostram-se em seqüência de uma semana para outra e podem ser consideradas textos “a espera”, verdadeiros germes de supostas crônicas futuras.

Essa hipótese está confirmada nas próprias páginas de “Sala de espera”. Em uma de suas colunas, Sabino afirma que uma leitora “reclama” contra o pequeno desenvolvimento que ele dá aos temas “bordados” na seção. Afirma ainda que a leitora considera que cada um deles

⁵ No material que temos disponível, não foi possível verificar a data da publicação e o número da página. Sabe-se, apenas, que a revista é de 1952.

daria uma crônica. Ao que ele responde: “Não são temas, minha senhora: como a senhora mesmo disse, são bordados: crochê do nada”.

A impressão da leitora considerada impertinente pelo colunista pode ser lida mais como uma confissão do cronista. Algumas de suas aparentes anedotas continuam de um exemplar para outro, como se fossem construindo verdadeiras crônicas em “capítulos”, a serem acompanhados a cada semana. O recurso da narrativa seqüencial supera os limites da leitura ligeira realizada em uma sala de espera, e cria um vínculo com o leitor da seção.

Assim os crochês do nada, vão enlaçando o leitor por constituírem bordados com traçados que negam o efêmero e mostram-se convocação para o perene. Outro exemplo disso é a publicação de algumas anedotas que foram, posteriormente publicadas em livros, como é o caso da crônica “Tapete Persa”, que teve uma versão, sem título, em “Sala de espera”, e, posteriormente, foi publicada em *O Homem Nu*.

“Sala de espera” reúne, pois, anedotas de diferentes perfis que podem ser vistos como croquis: ensaios dos desenhistas que preparam seus quadros.

3 – Conclusão

A revista *Manchete*, em seus primeiros anos de circulação e, talvez, por pelo menos as duas primeiras décadas de sua existência, dedicou-se a noticiar a vida literária brasileira. Ofereceu um espaço significativo aos escritores que ganharam expressão a partir do modernismo. Nas páginas do semanário, aparecem discussões teórico-críticas como a recepção da poesia moderna e a crise do romance brasileiro. Do mesmo modo, são espaço para experiências de escrita em determinados gêneros literários, em particular a crônica. Por meio de depoimentos, crônicas, entrevistas e reportagens *Manchete* realiza um evidente trabalho de literatura e sobre literatura.

Trata-se de uma revista que se preocupa com a divulgação do pensamento moderno e a partir desse ponto de vista desenvolve suas entrevistas, reportagens e matérias diversas sempre oferecendo um espaço para que os escritores executem diversos ofícios. Por meio da recuperação de entrevistas, depoimentos, crônicas e contos que circularam em *Manchete* espera-se oferecer possibilidades de novas leituras para a literatura de autores como os aqui mencionados, e tantos outros que tiveram espaço para refletir seu ponto de vista nas páginas daquele semanário.

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In. ANDRADE, Carlos Drummond, SABINO, Fernando, BRAGA, Rubem. *Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ática, 1980. p.5-13.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Complemento: uma revista, uma geração. In. VAZ, Emílio Alarcon, BAUMGARTEM, Carlos Alexandre, CURY, Maria Zilda Ferreira. *Literatura em revista (e jornal): periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Pos Lit; Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005, p 187-226.

GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. A memória da leitura e a escrita da história. In: ENCONTRO DA ABRALIC,13, 2012, Campina Grande. *Anais do XIII Encontro da Abralic*, Campina Grande. Disponível em http://anais.abralic.org.br/trabalhos/d4b269f5c5810b15141673b185b2aa48_404_177_.pdf

MENDES, José Guilherme. Graciliano Ramos: romance é tudo nesta vida. *Manchete*, Rio de Janeiro, 15/11/1952, p.14-17.

RAMOS, Graciliano. Graciliano Ramos: romance é tudo nesta vida. *Manchete*, 15/11/1952. p.14-17.

SABINO, Fernando. Sala de espera. Rio de Janeiro, *Manchete*, 25/10/1952.

SABINO, Fernando. Sala de espera. Rio de Janeiro, *Manchete*.s/d.

TENÓRIO, Carlos Alberto. Onde estão os poetas brasileiros? *Manchete*, 29/11/1952. p.11-13.

VAZ, Emílio Alarcon, BAUMGARTEM, Carlos Alexandre, CURY, Maria Zilda Ferreira *Literatura em revista (e jornal): periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Pos Lit; Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.p. 9-25.